

The revolutionary process initiated in 1811, which culminated in 1830 with the nation's independence, incorporated the gaucho as a main character. The Spanish Crown stressed with disdain that the gaucho was a member of Artiga's troops, for it was still a highly derogatory word that -for that very reason- José Artigas never used. He used to say, "my compatriots". Regardless of the name used, they joined the independence process and then continued as soldiers in the struggles of political parties and factions that marked all the XIX century.

It was a violent century of profound changes, both political and cultural.

Private land ownership was established, territory and livestock were delimited, and common or "of no one" property was eliminated. Towards 1870 the wire fence appeared, being of utmost importance in the modernization process. The farm with its large estates clearly differentiated from the cattle farms. The gradual modernization of the countryside began, and the rancher, landowner or "breeder" settled on his lands. He dressed like the gauchos and like his own laborers but adding gold and silver to his clothing.

Those who worked in farms were identified by their trades and maintained labor and loyalty ties with the landowner or "head of the household". The tasks they performed marked degrees of *"subalternidad"*: foreman, butler, stall holder, laborer, assistant. Others have an occasional tie and therefore weaker with the landowner: storekeepers, cartwrights, wirers and shearers (at the middle of the XIX century, when the "wool revolution" appears). "Paisano" [Compatriot] is more related to work and obedience, it was used as synonym of "gaucho" many times, when it actually was its antonym. What made them equal was the "gaucho culture", characteristic of the country man.

O processo revolucionário iniciado em 1811, que culminou em 1830 com a independência nacional, teve o gaúcho como protagonista. A Coroa espanhola comentava com desprezo que o gaúcho fazia parte das tropas artiguistas, pois ainda era uma palavra altamente depreciativa que, por essa mesma razão, José Artigas nunca usou. Ele costumava dizer "*mis paisanos*". Independentemente do nome utilizado, fizeram parte do processo de independência, para depois continuarem como soldados nas lutas de partidos e fações políticas, que marcaram todo o século XIX.

Foi um século violento e de profundas mudanças, tanto políticas como culturais. A propriedade privada da terra foi consagrada, o território e o gado foram delimitados e os bens comuns ou "*de naidas*" (de ninguém), foram eliminados. Por volta de 1870, surgem as cercas de arame, parte essencial do processo de modernização. A fazenda, com as suas grandes propriedades, diferenciava-se claramente da vacaria. Começa a modernização progressiva do campo e o estancieiro, fazendeiro ou "*criador*", instala-se nas suas terras. Vestia-se como os gaúchos e os seus próprios peões, mas acrescentava ouro e prata ao seu vestuário.

As pessoas que trabalhavam nas fazendas eram identificadas pelos seus ofícios e mantinham laços de trabalho e de lealdade com o fazendeiro ou "*patrón*". As tarefas que desempenhavam marcavam graus de subordinação: capataz, mordomo, feirante, peão, adido ou encarregado. Outros tinham um vínculo ocasional e, portanto, mais fraco com o patrão: pulpeiros, carreteiros, alambradores e tosquiadores (em meados do século XIX, quando surgiu a "*revolução da lã*"). "*Paisano*", nome mais ligado ao trabalho e à obediência, foi muitas vezes utilizado como sinónimo de 'gaúcho', embora na realidade fosse o seu antónimo. O que os igualava era a "*cultura gaúcha*", característica do homem do campo.